

“Ensinar-me a aprender” na universidade

O bastonário da Ordem dos Engenheiros acredita que há cursos de engenharia a mais em Portugal.

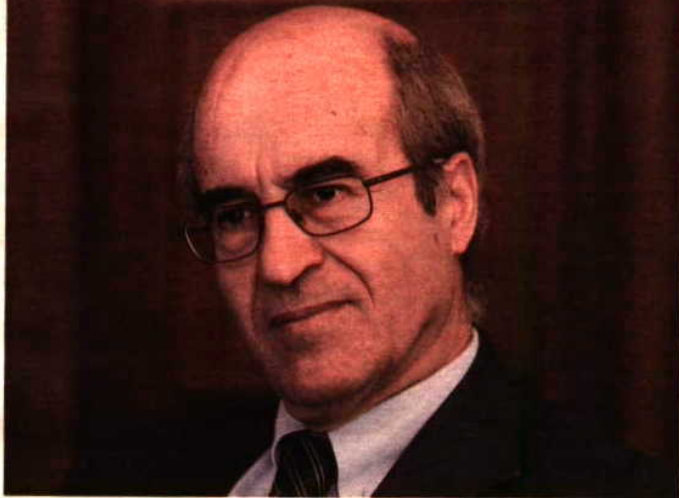
Quando lhe é pedido para recordar o momento mais marcante da sua vida universitária, Carlos Matias Ramos não hesita em apontar a “viagem de fim de curso a França, Dinamarca e Suécia. Estávamos em 1969 e confrontei-me na Dinamarca e na Suécia com cartazes anti-guerra colonial Portuguesa, designadamente de apoio à Frelimo. Marcou-me, porque sendo a primeira vez que contactava os países do nosso imaginário, onde a liberdade a todos os níveis era contrastante com o que se passava por cá, tive a perfeita noção do que significava no meu País o ‘orgulhosamente sós’”, afirma o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

Licenciado em Engenharia Civil pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, terminou o curso em 1969, com uma média de 15 valores. Para Carlos Matias Ramos, a lição mais importante que retirou do seu ensino foi “o gosto que me foi despertado para o estudo, em que o racional e o dedutivo, baseados numa formação matemática exigente, foram determinantes para a capacidade de aprendizagem das disciplinas específicas do curso”.

Já na sua vida profissional, o bastonário recorda o seu primeiro contacto com Manuel Rocha, na altura director do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, que lhe referiu que no Laboratório “não havia ‘plafond’ para a imaginação”.

Quando olha para o panorama ac-

A viagem de fim de curso a França, Dinamarca e Suécia foi o momento mais marcante da vida universitária de Carlos Matias Ramos.



Paulo Figueiredo

15

Carlos Matias Ramos terminou a sua licenciatura em Engenharia Civil pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto em 1969, com uma média de 15 valores.

tual do ensino superior na área da engenharia, Carlos Matias Ramos é da opinião que “há escolas em que o ensino não é consentâneo com uma formação exigente. O número de cursos com o nome de engenharia, num total de cerca de 600, incluindo licenciaturas pós-Bolonha, mestrados, mestrados integrados e doutoramentos, é por si só, indicador de que há um desajustamento face à realidade portuguesa”.

Acima de tudo, o bastonário da Ordem dos Engenheiros acredita que a formação no sector deve apoiar-se nas ciências de base, como a física e a matemática, com o objectivo final de preparar os alunos para um mercado de trabalho em constante mutação. “Saí da faculdade com a convicção de que me tinha fornecido uma ferramenta fundamental: tinha-me ensinado a aprender”. ■ **Pedro Quedas**